

“Acho muito linda a jornada da Dita. O lugar que você começa não determina o lugar onde você vai estar para sempre”

Jennifer Nascimento, atriz

A história de Dita poderia ser a biografia da própria Jennifer, que começou cedo uma caminhada que ainda hoje exige dela mais do que talento — exige resistência, inteligência de quem cria oportunidades onde não existem. “Se não tinha uma oportunidade para mim, eu ia lá e criava”, conta a leonina. Foram audições negadas, testes feitos mesmo sem perfil. Em *Peter Pan*, a menina que não poderia ser Wendy — queriam uma loira ou ruiva — virou Menino Perdido, e abriu uma fenda em uma porta trancada.

“*Mamma mia!* se passava na Grécia, disseram que eu não tinha perfil de grega. Três meses depois, precisaram de alguém que aprendesse o espetáculo inteiro em uma semana. Eu fui.” A cada recusa, uma resposta. A cada espaço negado, uma fresta aberta na marra. “Sempre ouvi que precisava ser excepcional. Melhor três vezes mais. E eu sempre tive isso para mim: ser excepcional no meu trabalho”, relata.

Se há quem chame de pressão ser uma das poucas atrizes negras em posição de destaque, Jennifer prefere chamar de conquista coletiva. “Por muito tempo só tinha espaço para uma de nós. Agora tem para mais de uma. Eu sou uma pessoa que sempre tento olhar para o copo mais cheio. Celebro minhas vitórias, e também as das minhas amigas. Porque a gente precisa disso: se ver em lugares de poder”, reflete.

Divisor de águas

Jennifer Nascimento iniciou sua jornada no teatro, mergulhando em musicais, como *Hairspray* e *Mamma mia!*, onde sua voz ecoava entre coros e luzes. A busca por um lugar ao sol a levou ao Fábrika de estrelas, talent show do *Multishow*, onde, entre acordes de Beyoncé, Mariah Carey e Whitney Houston,

moldou-se como uma das vozes do grupo *Girls* — uma espécie de releitura do extinto *Rouge*, que não vingou.

Em 2014, quando foi escolhida para viver Solange, a jovem suburbana de *Malhação sonhos*, Jennifer carregava nas costas mais do que um personagem — trazia consigo a bagagem de quem havia atravessado os palcos musicais e as batalhas da indústria fonográfica. Com seu sonho de se tornar cantora, Sol era um espelho distorcido da própria Jennifer, uma simbiose entre atriz e personagem que marcaria seu ingresso definitivo na televisão.

Quando venceu o reality show global *Popstar*, a atriz deixou claro que não existe caixinha onde se possa guardar a sua arte. Ali, apresentou não uma personagem, mas a mulher por trás delas: “Até então, as pessoas me conheciam como Sol, como Dita, como Tânia (de *Pega pega*)... mas não sabiam quem era a Jennifer. O *Popstar* aproximou a Jennifer do público.”

E esse público nunca mais a largou — Jennifer virou apresentadora de bastidores do *The Voice*, deu voz à própria voz. “Foi um divisor de águas na minha carreira”, lembra ela, que, no início deste ano, retornou aos estúdios para atuar em outro talent show, o *The masked singer Brasil* — o qual terminou em terceiro lugar fantasiada de Sol, personagem de Sheron Menezes em *Vai na fé*.

Na novela atual, Dita canta na rádio. Fora da tela, Jennifer sonha erguer um palco para essas canções que atravessam o tempo. “Tenho planos de fazer um show com as músicas que eu canto das Saias da Rádio. Está sendo lindo ver novas gerações ouvindo esses clássicos. Recebo vídeos de crianças cantando Araci de Almeida... e gente mais velha, emocionada. Esse momento merece uma turnê”, celebra.

Jennifer não abre mão do teatro — o primeiro chão que lhe deu voz. “Sempre que posso, concilio televisão e teatro. É um lugar mágico, onde você vê na hora o que sua arte provoca.” Hoje, no entanto, o foco é Dita — e tudo o que ela simboliza. “Eu almejo viver esse momento de protagonista há muito tempo. É uma vida de dedicação a essa profissão”, avalia a mãe de Lara, de 1 ano e 8 meses.

Talvez a maternidade tenha ajudado a ampliar esse olhar para o todo. “Depois da maternidade, virei um ser humano melhor. Meu senso de empatia se potencializou. E isso me faz uma atriz melhor também”, completa Jennifer, que precisou abrir mão do papel de Nala no aclamado musical *O Rei Leão*, em 2023, ao descobrir a gravidez.

No meio disso tudo, há Whitney Houston, Beyoncé, Viola Davis — nomes que guiam a bússola de Jennifer — são espelhos que a lembram de que é possível ser múltipla, de que é legítimo atuar, cantar, apresentar, criar, ser mãe, ser voz. Ser espada e fenda. E se ainda falta muito para que outras atrizes negras alcancem o protagonismo que agora, finalmente, chega para algumas, Jennifer não hesita: vai seguir abrindo caminho.